

**“PLANTAÇÕES DE MACONHA”, “BALBÚRDIA” E
CHOCOLATINHOS: O *ETHOS* INFECCIOSO METAFÓRICO DO
FRACASSO ESCOLAR NO DISCURSO MINISTERIAL COMO
EXTREMIDADE DA GOVERNAMENTALIDADE DO FRACASSO
ESCOLAR**

**“MARIJUANA PLANTATIONS,” “CHAOS,” AND LITTLE CHOCOLATES: THE
METAPHORIC INFECTIOUS *ETHOS* OF SCHOOL FAILURE IN MINISTERIAL
DISCOURSE AS THE EXTREMITY OF THE GOVERNMENTALITY OF SCHOOL
FAILURE**

Adriano Menino de Macêdo Júnior
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL e Pesquisador no Grupo de
Estudo do Discurso na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte –
GEDUERN/UERN; Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível
Superior – CAPES
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6367-1088>
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4134152465913204>
E-mail: adrianomenino2016@gmail.com

Renato da Silva Pereira
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte – PPGL/UERN; Pesquisador no Núcleo de Leituras Discursivas da
Universidade Federal do Amapá – NULDIS/UNIFAP
Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-3758-7094>
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4477808834162583>
E-mail: renatobaato@gmail.com

RESUMO

Este estudo explora como os discursos do ex-ministro da Educação, Abraham Weintraub, atuam como um *ethos infeccioso* metafórico, contribuindo para a perpetuação do fracasso escolar no Brasil. Baseado nos conceitos de *ethos* de Aristóteles e em contribuições teóricas contemporâneas de Aragão (2013) e Macêdo Júnior (2024), o estudo analisa como discursos negacionistas podem ser comparados a agentes patogênicos que corrompem o sistema educacional. Weintraub promoveu narrativas que desqualificam práticas educacionais estabelecidas e questionam dados científicos, contribuindo para a deslegitimação e descredibilidade da educação brasileira. A metodologia adotada foi descritiva (Gil, 2002) e comparativa, analisando discursos de Weintraub durante seu mandato. A análise evidenciou que as declarações do ex-ministro funcionam como agentes etiológicos que introduzem uma infecção no sistema educacional, corroendo sua estrutura e promovendo desinformação e polarização. Exemplos incluem a desvalorização de universidades e ataques a figuras como Paulo Freire, criando um ambiente de desconfiança e hostilidade. Essas retóricas não só desviam a atenção dos problemas reais da educação, como também dificultam a implementação de soluções eficazes, perpetuando o fracasso escolar. Utilizando as teorias de Maingueneau (1993) e Charaudeau (2008), a pesquisa demonstrou que o *ethos* construído por Weintraub desvaloriza a educação pública e estigmatiza estudantes e professores. Ao comparar esses discursos a uma infecção biológica, o estudo revela como eles podem gerar comportamentos prejudiciais e desviar recursos de questões críticas do sistema educacional. Para combater essa

infecção discursiva, é crucial promover um ambiente educacional baseado em evidências científicas e identificar e neutralizar os vetores de desinformação, contribuindo para uma educação pública mais robusta e inclusiva.

Palavras-chave: Fracasso Escolar. *Ethos*. *Ethé*. Discurso.

ABSTRACT

This study explores how the discourse of former Brazilian Minister of Education, Abraham Weintraub, operates as a metaphoric *infectious ethos*, contributing to the perpetuation of school failure in Brazil. Grounded in Aristotle's concept of *ethos* and contemporary theoretical contributions from Aragão (2013) and Macêdo Júnior (2024), the study analyzes how denialist discourse can be compared to pathogenic agents that corrupt the educational system. Weintraub promoted narratives that disqualify established educational practices and question scientific data, contributing to the delegitimization and discrediting of Brazilian education. The methodology adopted was descriptive (Gil, 2002) and comparative, analyzing Weintraub's discourse during his term. The analysis showed that the former minister's statements function as etiological agents that introduce an "infection" into the educational system, corroding its structure and promoting misinformation and polarization. Examples include the devaluation of universities and attacks on figures such as Paulo Freire, creating an environment of distrust and hostility. Such rhetoric not only diverts attention from the real problems of education but also hinders the implementation of effective solutions, perpetuating school failure. Drawing on Maingueneau (1993) and Charaudeau (2008), the study demonstrates that the *ethos* constructed by Weintraub devalues public education and stigmatizes students and teachers. By comparing these discourses to a biological infection, the research reveals how they generate harmful behaviors and divert resources from critical issues within the educational system. To counteract this discursive infection, it is crucial to promote an educational environment grounded in scientific evidence and to identify and neutralize the vectors of misinformation, thereby contributing to a more robust and inclusive public education system.

Keywords: School Failure. *Ethos*. *Ethé*. Discourse.

1. INTRODUÇÃO

A presente investigação ancora-se na tradição retórica inaugurada por Aristóteles, para quem “a retórica ocupa-se da arte da comunicação, do discurso feito em público com fins persuasivos” (Aristóteles, 2005, p. 33), constituindo-se como “uma forma de comunicação, uma ciência que se ocupa dos princípios e das técnicas de comunicação. Não de toda a comunicação, obviamente, mas daquela que tem fins persuasivos”. Nessa arquitetura teórica, os “meios artísticos de persuasão são três: os derivados do caráter do orador (*ethos*); os derivados da emoção despertada pelo orador nos ouvintes (*páthos*), e os derivados de argumentos verdadeiros ou prováveis (*logos*)” (Aristóteles, 2005, p. 33). O *ethos* — fundamento axial deste estudo — é compreendido como dimensão da credibilidade do orador, aspecto central para a análise do discurso político, sobretudo quando se examina a confiança atribuída ao sujeito que fala.

Essa chave aristotélica revela-se particularmente relevante no cenário educacional brasileiro contemporâneo, marcado por índices persistentes de baixo desempenho e pela ascensão de discursos anticientíficos que tensionam ainda mais a esfera pública. O ex-ministro da Educação, Abraham Weintraub, emerge como figura paradigmática desse processo, ao promover enunciados que desqualificam práticas pedagógicas consolidadas e contestam evidências científicas. Assim, tornam-se incontornáveis as perguntas que orientam este estudo: como tais discursos participam da perpetuação do fracasso escolar? E de que modo operam como um “*ethos* infeccioso” metafórico, agravando o colapso simbólico e material da educação brasileira?

O estado da arte articula duas contribuições teóricas centrais. Aragão (2013) introduz o conceito de *ethos* de gênero, ao demonstrar que representações no discurso midiático mobilizam predicativos historicamente atribuídos às mulheres — como passividade, afetividade, fragilidade/força, estética e sedução — reforçando estereótipos que precisam ser identificados e combatidos. A autora propõe a inclusão do *ethos* de gênero como categoria de análise ao lado dos *ethé* de credibilidade e identificação — sério, virtude, competência, potência, caráter, inteligência, humanidade, chefe e solidariedade — defendendo que tais marcadores são decisivos para compreender a construção discursiva de figuras públicas, a exemplo de Dilma Rousseff.

Complementarmente, Macêdo Júnior (2024) desenvolve a metáfora da infecção discursiva para explicar o funcionamento dos discursos negacionistas, sustentando que tais discursos atuam como agentes patogênicos simbólicos. O autor assinala que “o discurso negacionista encontra no ser humano seu reservatório principal”, disseminando-se “por contato direto e indireto”, produzindo “dúvidas, desconfiança e hostilidade” em relação à ciência e às políticas públicas. Quando propagado amplamente, esse tipo de discurso implica “consequências graves para a sociedade”, como “a diminuição da adesão às medidas de saúde pública e o aumento da hesitação vacinal”.

A conjunção das duas perspectivas — *ethos* de gênero e infecção discursiva — possibilita compreender como construções sociais, estereótipos e mecanismos afetivos de circulação influenciam a credibilidade do discurso político e sua capacidade de produzir efeitos concretos na ordem social. Ao integrar esses aportes, delineia-se um instrumental teórico capaz de explicar como discursos negacionistas configuram um *ethos* infeccioso que atua no interior da educação pública, contribuindo para a intensificação do fracasso escolar e para a corrosão de práticas institucionais baseadas em evidências.

Assim, o objetivo deste estudo consiste em defender que há um “*ethos* infeccioso” metafórico do fracasso escolar, presente e operante no discurso político brasileiro, tendo como corpus analítico os pronunciamentos negacionistas de Abraham Weintraub. Busca-se demonstrar que tais enunciados funcionam como agentes simbólicos de contaminação, produzindo efeitos de desinformação, descrédito e deslegitimação que perpetuam as fragilidades estruturais do sistema educacional, operando como um *modus operandi* discursivo de natureza potencialmente destrutiva.

2. A NOÇÃO DE *ETHOS*

A noção de *ethos* apresenta uma longa trajetória, desde a Retórica aristotélica até os estudos contemporâneos do discurso. Em Aristóteles, o *ethos* constitui, ao lado de *logos* e *páthos*, um dos três meios de prova do discurso, associado ao caráter moral do orador e à confiança que ele inspira; trata-se, como lembra Aragão (2013), de um dos três elementos essenciais do discurso: a pessoa que fala (*ethos*), o assunto de que se fala (*logos*) e a pessoa a quem se fala (*páthos*), o que torna o *ethos* um operador central da credibilidade e da eficácia persuasiva. A tradição latina, tal como analisada por Amossy (1999), retoma Isócrates e concebe o *ethos* como algo pré-existente, apoiado na autoridade individual e institucional do orador (reputação familiar, estatuto social, modo de vida), enquanto Quintiliano e Cícero reforçam a exigência de um “homem de bem” como condição para o bom orador. No século XX, Perelman e Olbrechts-Tyteca reatualizam a perspectiva argumentativa em direção a uma “nova retórica”, centrada nas crenças e valores do auditório, ao passo que Barthes, conforme destacado por Amossy (1999), descreve o *ethos* como o conjunto de traços que o orador deve exibir para produzir uma impressão favorável, independentemente de sua sinceridade.

No interior da Análise do Discurso, Maingueneau (1993; 2005; 2008) desloca decisivamente o conceito, afastando qualquer leitura psicologizante ou voluntarista do *ethos* e inscrevendo-o nas determinações da formação discursiva. O *ethos*, para ele, é produzido na enunciação, de modo que “o que é dito e o tom com que é dito são igualmente importantes e inseparáveis” (Maingueneau, 1993, p. 45). Daí a centralidade de categorias como tom, corporalidade, fiador, *ethos* pré-discursivo, *ethos* dito e mostrado (Maingueneau, 2005). O fiador corresponde à instância subjetiva construída pelo leitor a partir de indícios textuais, investida de “caráter” e “corporalidade” (Maingueneau, 2005, p. 72), apoiados em estereótipos culturais que circulam em diferentes registros da produção semiótica. O *ethos* pré-discursivo, por sua vez, evidencia que o enunciador já chega à cena de enunciação carregado por

expectativas de gênero discursivo, posicionamento ideológico e representações socialmente compartilhadas (Maingueneau, 2005, p. 71-72). Assim, o *ethos* não se reduz ao sujeito empírico, mas emerge na articulação entre marcas internas do discurso e condições externas de produção, exigindo que se investiguem cena enunciativa, posicionamento e coerções histórico-sociais (Aragão, 2013).

Ruth Amossy (2005) reabre a questão, perguntando se o *ethos* deve ser tomado como construção puramente linguística ou como posição institucional, e recorre a Bourdieu para sublinhar o peso das estruturas sociais e dos capitais simbólicos na construção da imagem de si. Ao introduzir a noção de estereótipo como “representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado” (Amossy, 2005, p. 126), a autora mostra que o locutor só representa seus interlocutores inscrevendo-os em categorias sociais, étnicas, políticas etc., e que o *ethos* se atualiza na enunciação por meio de uma apresentação de si ajustada aos esquemas coletivos que o orador supõe valorizados por seu público. Nessa perspectiva, o *ethos* torna-se atravessado por processos de estereotipagem e de identificação, que articulam o nível discursivo e o nível sociocultural.

Patrick Charaudeau, por sua vez, trabalha o *ethos* a partir da teoria do contrato de comunicação e dos desdobramentos do sujeito entre legitimidade social e imagem discursiva. Para ele, “o ser da palavra [...] é sempre duplo. Uma parte dele mesmo se refugia em sua legitimidade de ser social, outra se quer construída pelo seu discurso” (Charaudeau, 2008, p. 64). O *ethos* volta-se para o orador, distinguindo-se do *páthos*, voltado para o auditório; enquanto *tekhnê*, é o que permite ao orador parecer digno de fé, ao exibir prudência (*phronésis*), virtude (*aretê*) e amabilidade (*eunóia*) (Charaudeau, 2008, p. 113). O autor diferencia legitimidade (direito de dizer ou fazer) e credibilidade (capacidade de dizer ou fazer), assinalando que questionar a primeira é questionar o estatuto, enquanto questionar a segunda é colocar em dúvida a pessoa (Charaudeau, 2008, p. 67). A autoridade, nesse quadro, coloca o sujeito na posição de “fazer fazer”, “fazer pensar” e “fazer dizer” (Charaudeau, 2008, p. 68), o que evidencia o caráter estratégico da imagem construída.

O *ethos*, então, não é propriedade exclusiva de quem fala, mas resultado de um “cruzamento de olhares”, apoiado tanto em dados preexistentes ao discurso quanto no que é instaurado pelo ato de linguagem (Charaudeau, 2008, p. 115). A credibilidade depende das condições de sinceridade, performance e eficácia: o sujeito é julgado digno de crédito se o que diz corresponde ao que pensa, se tem meios de realizar o que promete e se sua ação é seguida de efeito (Charaudeau, 2008, p. 119). No discurso político, Charaudeau (2008; 2006) distingue

ainda os *ethé* de credibilidade (sério, virtude, competência) e os *ethé* de identificação (potência, caráter, inteligência, humanidade, chefe, solidariedade), articulando razão, paixão e imagem na persuasão política, em um campo em que “as relações de poder e de submissão são governadas por princípios passionais” (Charaudeau, 2006, p. 93). Em síntese, o percurso teórico que vai de Aristóteles a Amossy, Maingueneau e Charaudeau revela um conceito de *ethos* cada vez mais complexo, situado na intersecção entre linguagem, instituições, estereótipos e relações de poder, e que se mostra decisivo para a análise do discurso político contemporâneo.

3. METODOLOGIA

A investigação adota um método científico descritivo para examinar o *ethos* discursivo presente nas declarações do ex-ministro Abraham Weintraub, em consonância com a definição de pesquisas descritivas como aquelas que visam “descrever características de uma população ou fenômeno” e estabelecer relações entre variáveis (Gil, 2002, p. 42). A partir da noção aristotélica de *ethos*, articulam-se, como categorias operatórias, os *ethé* de credibilidade e de identificação sistematizados por Charaudeau (2008, p. 118) em duas grandes classes – *ethé* de credibilidade (sério, virtude, competência) e *ethé* de identificação (potência, caráter, inteligência, humanidade, chefe) – ampliadas pela contribuição de Aragão (2013), que introduz o *ethos* de gênero, conforme sintetizado no quadro analítico inspirado em Charaudeau (2008) e Aragão (2013, p. 93).

Paralelamente, o estudo mobiliza o método comparativo para estabelecer uma analogia entre o discurso negacionista e o fenômeno biológico da infecção, entendido como entrada e desenvolvimento de um agente infeccioso no organismo (Tortora; Funke; Case, 2012; Neves *et al.*, 2016), de modo a pensar o discurso como algo que penetra o corpo social e modela o comportamento coletivo. Nessa direção, o método comparativo, tal como definido por Marconi e Lakatos (2003, p. 107), mostra-se pertinente para evidenciar semelhanças e diferenças entre formas de discurso e seus efeitos, permitindo tratar os enunciados de Weintraub como uma “infecção” simbólica que, ao acessar o consciente da população, persuade e induz práticas propagadoras de suas ideias.

Imagem 1 – Coletânea de discurso infeciosos do ex-ministro Abraham Weintraub contra a educação brasileira.



Fonte: Basílio (2019).

O *corpus* empírico consiste em uma coletânea de falas do ex-ministro reunidas pela revista Carta Capital, em matéria produzida por Basílio (2019), da qual se recortam os discursos mais relevantes para os objetivos da pesquisa. Metodologicamente, procede-se a um recorte sincrônico (Faraco, 2006) das declarações proferidas entre 8 de abril de 2019 e 23 de junho de 2020, o que possibilita uma análise detalhada, situada e historicamente delimitada dos impactos dos discursos negacionistas sobre a educação brasileira.

4. *ETHOS* DO FRACASSO ESCOLAR: ANÁLISE DOS DISCURSOS DE ABRAHAM WEINTRAUB NO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Ao longo de oito meses à frente do Ministério da Educação, o ministro Abraham Weintraub acumulou gafes, polêmicas, acusações infundadas e inúmeros insultos. Durante esse período, Weintraub se envolveu em diversas controvérsias, realizando acusações sem provas e cometendo erros, enquanto perseguia e provocava seus adversários. Nas redes sociais, ele insultou internautas e protagonizou cenas constrangedoras que muitos prefeririam esquecer, adotando uma postura de “meu Twitter, minhas regras”. Weintraub comportou-se como se não fosse uma figura pública responsável perante a sociedade (Basílio, 2019).

Quadro 1 – Novos *ethos* da infecção do fracasso escolar presentes nos discursos do ex-ministro Abraham Weintraub.

<i>Corpus</i>	<i>Categorias de Ethè de efeitos de sentido</i>	<i>Categorias de Ethè de acarretamento ideológico</i>	<i>Categorias de Ethè de Modus operandi contemplador do fracasso escolar</i>
<i>Ethos</i> infecioso de fracasso escolar			
1º	Descredibilização das Instituições Educacionais	Polarização Ideológica	Erosão da Confiança Pública
	Generalização Prejudicial	Estigmatização da Comunidade Acadêmica	Desmoralização dos Educadores
	Desvio de Foco dos Problemas Reais	Propagação de Desinformação	Desvio de Recursos e Atenção Fomento ao Desinteresse Estudantil
2º	Deslegitimação dos Representantes Estudantis	Estigmatização dos Estudantes	Desvalorização da Participação Estudantil
	Desencorajamento do Engajamento Estudantil	Polarização Ideológica	Desestímulo ao Diálogo e à Colaboração
3º	Descredibilização da Filosofia Educacional de Paulo Freire	Desrespeito à Diversidade de Pensamento	Desvalorização de Referências Educacionais
	Desvalorização da Contribuição Pedagógica	Estigmatização do Legado Educacional de Freire	Polarização do Debate Educacional
4º	Desvio de Foco dos Problemas Educacionais	Estigmatização dos Críticos	Desvalorização do Diálogo e do Debate Construtivo
	Desqualificação da Crítica	Polarização do Debate Educacional	Desestímulo à Participação Cidadã
5º	Desvalorização da Importância da Educação	Desprezo pela Educação Pública	Desvalorização do Investimento Educacional
	Minimização dos Desafios Educacionais	Estigmatização dos Críticos	Desvio de Responsabilidade
6º	Desvalorização da Educação Superior	Estigmatização das Universidades e de seus Corpos Discentes	Desvalorização do Ensino Público
	Desestímulo à Produção Científica e Acadêmica	Polarização do Debate Educacional	Dificuldade de Acesso e Permanência na Universidade

Fonte: Criado pelos autores.

Em análise do *corpus* 1, primeiro discurso, que ocorreu em novembro de 2019, durante entrevista ao Jornal da Cidade Online, o ministro afirmou que as universidades federais do Brasil possuem plantações extensivas de maconha a ponto de precisar de borrifador de agrotóxico: “Você tem plantações de maconha, mas não são três pés de maconha, são plantações extensivas de algumas universidades, a ponto de ter borrifador de agrotóxico. Porque orgânico é bom contra a soja para não ter agroindústria no Brasil, mas na maconha deles eles querem toda tecnologia à disposição” declarou. Weintraub não esclareceu de quais universidades falava ou demonstrou a existência das plantações (Basílio, 2019).

Nesse sentido, o primeiro discurso, selecionado para compor os *corpora*, do ex-ministro da Educação, Abraham Weintraub, contém elementos que corroboram o fracasso escolar no Brasil e trazem um acarretamento ideológico pejorativo para a educação brasileira. Seus enunciados, “Você tem plantações de maconha, mas não são três pés de maconha, são plantações extensivas de algumas universidades, a ponto de ter borrifador de agrotóxico. Porque orgânico é bom contra a soja para não ter agroindústria no Brasil, mas na maconha deles eles querem toda tecnologia à disposição,” sugerem que algumas universidades brasileiras estão envolvidas em atividades ilegais, como o cultivo extensivo de maconha. Logo, esse tipo de discurso descredibiliza as instituições de ensino superior, minando a confiança pública em sua capacidade de fornecer uma educação de qualidade.

Depois, ao não especificar quais universidades estariam supostamente envolvidas, Weintraub cria uma generalização que pode prejudicar a reputação de todas as universidades públicas, desencorajando a matrícula e o investimento em educação superior. Além disso, o discurso desvia a atenção dos problemas reais enfrentados pela educação brasileira, como a falta de recursos, infraestrutura inadequada e baixos salários dos professores. Em vez de discutir soluções, Weintraub se concentra em acusações infundadas, que não contribuem para a melhoria do sistema educacional.

O discurso de Weintraub também polariza ideologicamente a questão ao insinuar uma oposição entre a produção agrícola “orgânica” e a produção de “maconha” nas universidades, sugerindo que estas instituições têm agendas contrárias ao desenvolvimento agroindustrial do Brasil. Essa polarização associada à educação superior a uma ideologia contrária ao progresso econômico contribui para a estigmatização de estudantes e professores, retratando-os como cúmplices de atividades ilegais e reforçando preconceitos que podem levar à marginalização da comunidade acadêmica.

Além disso, ao disseminar informações falsas ou exageradas sobre as atividades das universidades, o discurso de Weintraub contribui para a desinformação, influenciando negativamente a opinião pública e dificultando o apoio a políticas educacionais baseadas em evidências. Este *modus operandi*, que envolve a desmoralização dos educadores e a erosão da confiança pública nas instituições de ensino, impacta diretamente a qualidade do ensino e os resultados escolares. Educadores e estudantes desmoralizados podem perder motivação e dedicação, resultando em um desempenho inferior e em uma menor qualidade de ensino.

Desse modo, ao focar em questões fabricadas ou exageradas, Weintraub pode desviar recursos e atenção de problemas críticos reais, como a melhoria das infraestruturas escolares e a formação de professores. Isso leva a uma alocação inadequada de recursos, que poderiam ser melhor utilizados para enfrentar desafios genuínos da educação. Além disso, a percepção de que as universidades estão envolvidas em atividades ilícitas pode desmotivar os estudantes, levando ao aumento da evasão escolar e à diminuição do engajamento acadêmico, contribuindo diretamente para o fracasso escolar ao reduzir o número de alunos que completam seus estudos com sucesso.

Conforme Maingueneau (1993), o *ethos* construído por Weintraub nesse discurso é o de descredibilização das instituições acadêmicas. Ele generaliza uma acusação sem evidências específicas, prejudicando a reputação de todas as universidades públicas e desencorajando a matrícula e o investimento em educação superior. Amossy (1999) explica que tal abordagem gera um *ethos* negativo que influencia a percepção pública, promovendo desconfiança e desinformação.

Trespassando para o 2º discurso do *corpus* de análise, observa-se que Weintraub, antes de anunciar oficialmente as carteirinhas estudantis digitais e declarar sua intenção de enfraquecer entidades estudantis como a UNE e a Ubes, já direcionava seus ataques aos estudantes. Em um de seus posts no Twitter, Weintraub mencionava o “desespero na UNE” com o “fim da mamata”. Ele ainda satirizava o grupo, afirmando que “adora grana/vida fácil” e sugerindo o artesanato como uma das possíveis atuações para a entidade (Basílio, 2019). Ver imagem 2.

Imagem 2 – “Desespero na UNE”; “fim da mamata”; “adora grana/vida fácil”.



Fonte: Basílio (2019).

O discurso do ex-ministro da Educação, antes de anunciar oficialmente as carteirinhas estudantis digitais e ao assumir a intenção de desidratar as entidades estudantis como UNE e UBES, reflete uma postura que contribui para o fracasso escolar no Brasil. Ao deslegitimar os representantes estudantis, estigmatizar os estudantes e polarizar o debate educacional, ele cria um ambiente que desencoraja o engajamento dos alunos, desvaloriza sua participação na vida acadêmica e política e dificulta o diálogo e a colaboração entre os membros da comunidade educacional. Ao rotular as entidades estudantis como beneficiárias de uma suposta “mamata” e sugerir que os estudantes estão atrás de uma “vida fácil” e de “grana”, Weintraub deslegitima o papel dessas organizações na defesa dos interesses dos estudantes e desencoraja o engajamento dos jovens em atividades extracurriculares e na luta por seus direitos. Isso pode resultar em uma geração de alunos desmotivados e apáticos em relação às questões educacionais e sociais.

O discurso de Weintraub também estigmatiza os estudantes, retratando-os como preguiçosos e interessados apenas em benefícios pessoais, e polariza o debate educacional e político ao atacar as entidades estudantis e sugerir que são contrárias ao fim de privilégios injustos. Isso cria um clima de hostilidade e desconfiança dentro das instituições de ensino, dificultando a implementação de políticas e programas educacionais eficazes. Essa postura desvaloriza a participação dos estudantes na vida acadêmica e política, desestimula o diálogo e a colaboração entre estudantes, professores e autoridades educacionais e cria um ambiente escolar menos democrático e participativo.

Aqui, o *ethos* do discurso de Weintraub se traduz na deslegitimação dos representantes estudantis e estigmatização dos estudantes. Segundo Charaudeau (2008), ao rotular as entidades estudantis de forma pejorativa, ele desencoraja o engajamento dos jovens em atividades

extracurriculares e na luta por seus direitos, promovendo um ethos de desvalorização da participação estudantil e polarização ideológica.

Na sequência, Weintraub nunca escondeu sua antipatia por Paulo Freire. Já em seu discurso de posse no MEC, o ministro questionou o legado do educador pernambucano: “Se temos uma filosofia de educação tão boa, Paulo Freire é uma unanimidade, por que temos resultados tão ruins?”, disparou, em abril. Não espanta a sequência de ataques. Também em suas redes sociais, o ministro reservou uma publicação para satirizar um mural com a imagem do educador em frente ao MEC, ofertando-o a Eduardo Bolsonaro que, na época, era cotado para assumir a embaixada brasileira em Washington, nos EUA. Posteriormente, em entrevista ao programa Morning Show, da Jovem Pan, Weintraub declarou não ter raiva de Paulo Freire, ao que emendou: “Tem até um mural muito feio dele no MEC, assustando a criançada que passa por lá” (Basílio, 2019). Ver imagem 3.

Imagem 3 – Se temos uma filosofia de educação tão boa, Paulo Freire é uma unanimidade, por que temos resultados tão ruins?”; “Tem até um mural muito feio dele no MEC, assustando a criançada que passa por lá”.



Fonte: Basílio (2019).

No que se refere ao 3º *corpus*, os enunciados do ex-ministro da Educação, em relação a Paulo Freire revela uma antipatia clara pelo renomado educador brasileiro. Desde seu discurso de posse no Ministério da Educação (MEC), Weintraub questionou o legado de Freire, sugerindo uma conexão entre sua filosofia educacional e os resultados ruins do sistema educacional brasileiro. Essa abordagem sugere que a influência de Freire na educação brasileira contribui para os problemas enfrentados pelo país. Além disso, Weintraub utilizou suas redes sociais para satirizar um mural com a imagem de Paulo Freire em frente ao MEC, sugerindo que o mural fosse ofertado a Eduardo Bolsonaro, em um contexto no qual este era cotado para assumir a embaixada brasileira em Washington, nos EUA. Essa ação demonstra um desrespeito e uma tentativa de desqualificar a figura de Freire, associando-a a uma política que não condiz com a visão do governo.

Em entrevista ao programa Morning Show, da Jovem Pan, Weintraub reiterou sua posição, afirmando não ter raiva de Paulo Freire, mas desdenhando da presença de um mural com a imagem do educador em frente ao MEC, descrevendo-o como “muito feio” e sugerindo que assusta as crianças que passam pelo local. Essa declaração contribui para uma atmosfera de desrespeito e desvalorização do legado de Freiriano, promovendo uma visão negativa de sua contribuição para a educação brasileira. O discurso de Weintraub descredibiliza a filosofia educacional de Paulo Freire, desvaloriza sua contribuição pedagógica e promove uma postura ideológica que desrespeita a diversidade de pensamento na educação. Ao atacar e desqualificar o legado de Freire, Weintraub polariza o debate educacional, promovendo uma narrativa que divide opiniões e dificulta o diálogo construtivo entre diferentes atores educacionais.

De acordo com Maingueneau (2005), o *ethos* pré-discursivo aqui é de descredibilização de uma figura central na educação brasileira. Weintraub constrói um *ethos* que desvaloriza a contribuição pedagógica de Freire, polarizando o debate educacional e promovendo uma narrativa divisiva que dificulta o diálogo construtivo.

Prontamente, de férias no destino turístico no estado do Pará, o ministro da Educação se envolveu em um bate-boca com manifestantes que o esperavam nas imediações de um restaurante em que Weintraub estava com a família. Moradores utilizaram um microfone em uma praça próxima para criticar as últimas ações do ministro frente ao Ministério da Educação: “Não somos balbúrdia, cota não é esmola, bem-vindo a Alter do Chão”, diziam os manifestantes ao microfone. Eles também entregaram ao ministro um prato de cafta, satirizando a gafe do gestor ao confundir o alimento árabe com Franz Kafka, o escritor tcheco. O ministro se dirigiu ao microfone da praça e rebateu os manifestantes, acirrando o bate-boca: “Eu queria só mostrar a diferença da esquerda e de quem não é de esquerda. Eu com a minha família aqui, três crianças pequenas. Nunca roubei, não sou do PT, nunca recebi bolsa, e vocês vem tentar me humilhar em frente aos meus filhos”, disse Basílio (2019).

Diante disso, consoante o 4º discurso selecionado no *corpus* para análise, os enunciados citados pelo ex-ministro empregam uma retórica personalizada e ideologicamente carregada para destacar uma suposta diferença entre aqueles que se identificam com a esquerda política e os que não se identificam. Ao mencionar sua família e suas crianças pequenas, ele busca criar uma imagem de integridade e honestidade, sugerindo que ele e sua família são exemplos de cidadãos que não são associados à corrupção ou ao partido político PT (Partido dos Trabalhadores). Este discurso desvia o foco dos problemas reais do sistema educacional, personalizando o debate e desqualificando qualquer crítica como uma tentativa de humilhação.

Conforme Charaudeau (2008), essa abordagem estigmatiza os críticos e adversários políticos, promovendo um ethos que desvaloriza o diálogo e o debate construtivo.

No entanto, essa abordagem do ex-ministro desvia o foco dos problemas reais enfrentados pelo sistema educacional brasileiro, como a falta de investimento, infraestrutura precária, baixa qualidade de ensino e desigualdade de acesso à educação de qualidade. Ao personalizar o discurso e desqualificar qualquer crítica como uma tentativa de humilhação injusta, Weintraub promove uma narrativa de vitimização que não aborda os desafios educacionais reais. Além disso, ao associar a esquerda política à corrupção e à tentativa de humilhação, Weintraub estigmatiza os críticos e adversários políticos, sugerindo que são desonestos e moralmente inferiores. Isso contribui para a polarização do debate educacional e político, ao criar uma divisão entre aqueles que se identificam com a esquerda e os que não se identificam, sem abordar as complexidades e nuances dos desafios educacionais enfrentados pelo Brasil.

Ao retratar as críticas como tentativas de humilhação e associar o debate político à desonestidade e corrupção, Weintraub desvaloriza o diálogo e o debate construtivo, dificultando a busca por soluções eficazes para os problemas educacionais do país. Isso pode desestimular a participação cidadã e o engajamento político, ao sugerir que aqueles que expressam críticas são desonestos e buscam humilhar seus oponentes.

Logo depois, 5º discurso, após anunciar contingenciamento de 30% para universidades e institutos federais sobre os gastos discricionários, e explicar o corte em transmissão ao vivo no Facebook, ao lado do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, o ministro da educação espalhou cem unidades de chocolates sobre a mesa, tirou três deles do bolo e comparou o corte no MEC a uma ‘separação’: “Estou pedindo para que se coma esses três chocalatinhos e meio depois, em setembro, só isso. Isso é segurar um pouco. E agora ficam espalhando que a gente fica fechando tudo”, disse Basílio (2019). Ver imagem 4.

Imagem 4 – “Estou pedindo para que se coma esses três chocalatinhos e meio depois, em setembro, só isso. Isso é segurar um pouco. E agora ficam espalhando que a gente fica fechando tudo”.



Fonte: Basílio (2019).

Nesse sentido, no discurso supracitado, o ex-ministro utiliza uma metáfora simplista ao comparar a liberação de verbas para a educação com a ação de comer chocolates. Essa abordagem trivializa a complexidade dos problemas enfrentados pelo sistema educacional brasileiro, reduzindo-os a uma questão superficial e temporária de “segurar um pouco”. Ao fazer isso, Weintraub desvaloriza a importância da educação como um investimento fundamental para o desenvolvimento do país e minimiza os desafios educacionais reais, como a falta de infraestrutura, a baixa qualidade de ensino e a desigualdade de acesso à educação de qualidade. A metáfora trivializa a complexidade dos problemas enfrentados pelo sistema educacional brasileiro, desvalorizando a importância da educação como um investimento fundamental para o desenvolvimento do país. Segundo Amossy (2005), essa postura reflete um ethos de desprezo pela educação pública e minimização dos desafios educacionais reais, contribuindo para o fracasso escolar.

Outrossim, a abordagem de Weintraub reflete um desprezo pela educação pública e uma falta de compromisso com a melhoria do sistema educacional. Certamente, ao comparar a alocação de recursos para a educação com o consumo de chocolates, ele sugere uma visão superficial e descompromissada em relação aos problemas educacionais enfrentados pelo Brasil. Essa postura também desqualifica as críticas e os questionamentos sobre as políticas educacionais do governo, retratando aqueles que expressam preocupações legítimas como difamadores ou alarmistas. Essa atitude contribui para uma narrativa ideológica que estigmatiza os críticos e dificulta o diálogo construtivo sobre questões educacionais importantes. Weintraub desvia a responsabilidade do governo em relação aos problemas educacionais do país, retratando as críticas como ataques infundados ou exagerados. Isso dificulta a prestação de

contas e a busca por soluções eficazes para os desafios enfrentados pelo sistema educacional brasileiro.

Por fim, o 6º discurso analisado, e que compõe o *corpus* do estudo, foi pronunciado em maio de 2019, quando o ministro da educação anunciou corte de recursos para universidades que não apresentassem rendimento acadêmico esperado e, ao mesmo tempo, promovessem ‘balbúrdia’ dentro de seus campuses. Inicialmente, Weintraub condenou as federais de Brasília (UNB), Federal Fluminense (UFF) e da Bahia (UFBA). À época ele afirmou que era comum encontrar sem-terras dentro dos campuses e gente pelada. Após críticas, o MEC expandiu o corte para todas as universidades federais do País (Basílio, 2019). Conforme Maingueneau (1993), ao associar os cortes de recursos à ideia de ‘balbúrdia’, Weintraub desvaloriza a educação superior e promove a polarização do debate educacional. Isso dificulta o diálogo construtivo sobre os desafios enfrentados pelo ensino superior no Brasil e contribui para um ethos que desvaloriza o ensino público e estigmatiza a comunidade acadêmica.

No discurso do ex-ministro Weintraub, ao anunciar cortes de recursos para universidades que não apresentassem rendimento acadêmico esperado e que, segundo ele, promovessem ‘balbúrdia’ dentro de seus campi, são refletidos efeitos de sentido que corroboram o fracasso escolar, promovendo acarretamentos ideológicos pejorativos e que revelam um *modus operandi* que concebe o fracasso escolar na educação do Brasil. Ao associar os cortes de recursos à ideia de ‘balbúrdia’ dentro das universidades, Weintraub desvaloriza a importância da educação superior como um pilar fundamental para o desenvolvimento educacional e intelectual do país. Isso pode contribuir para o fracasso escolar ao minar os recursos necessários para a manutenção e o avanço das instituições de ensino superior. Além disso, ao condicionar a manutenção dos recursos à apresentação de um rendimento acadêmico esperado, Weintraub desestimula a produção científica e acadêmica, prejudicando a qualidade e a relevância do ensino e da pesquisa nas instituições de ensino superior.

Os comentários de Weintraub sobre as universidades promovem a polarização do debate educacional, ao criar uma dicotomia entre aquelas que ele considera produtivas e aquelas que ele considera promover ‘balbúrdia’. Isso dificulta o diálogo construtivo sobre os desafios enfrentados pelo ensino superior no Brasil. Ademais, ao afirmar que era comum encontrar ‘sem-terras’ e pessoas ‘peladas’ dentro dos campi das universidades, Weintraub promove uma estigmatização das instituições de ensino superior e de seus corpos discentes, desqualificando e menosprezando a importância das universidades e dos estudantes universitários. Os cortes de recursos anunciados por Weintraub refletem um *modus operandi* que desvaloriza o ensino

público e promove a privatização da educação, ao limitar os investimentos nas instituições públicas em detrimento das privadas. Isso pode dificultar o acesso e a permanência de estudantes de baixa renda nas universidades, limitando as oportunidades de acesso à educação superior para grupos historicamente marginalizados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise parte do esclarecimento de que, embora o *corpus* seja composto pelos discursos de Abraham Weintraub, o estudo não adota posicionamento político, concentrando-se na soberania discursiva exercida durante seu período ministerial. Sustenta-se a *tese* metafórica de que o *ethos* negacionista de um líder estatal atua como uma infecção simbólica capaz de desencadear sintomas de fracasso escolar. Assim, qualquer figura pública dotada de legitimidade e credibilidade institucionais pode construir um *ethos* infeccioso, disseminando aversão à educação pública por meio de discursos distorcidos, contribuindo para a deslegitimação e corrosão do sistema educacional.

Os discursos de Weintraub funcionam, nesse sentido, como agentes etiológicos. A declaração de que “Você tem plantações de maconha [...] plantações extensivas de algumas universidades, a ponto de ter borrifador de agrotóxico” produz desvalorização e descrédito das instituições, atuando como patógeno que penetra no organismo social. A patogênese desse *ethos* manifesta-se igualmente em afirmações como: “Se temos uma filosofia de educação tão boa, Paulo Freire é uma unanimidade, por que temos resultados tão ruins?”, instaurando dúvida e hostilidade contra o sistema educacional. Sinais e sintomas incluem a disseminação de desinformação e polarização, como em: “Desespero na UNE; fim da mamata; adora grana/vida fácil”, que estigmatiza sujeitos e instituições. A incidência corresponde ao número de indivíduos que passam a aderir a tais enunciados, e a prevalência ao conjunto de pessoas que sustentam essas crenças. A frase “Eu queria só mostrar a diferença da esquerda e de quem não é de esquerda [...] nunca recebi bolsa, e vocês vêm tentar me humilhar” evidencia essa narrativa divisiva intensificada socialmente.

Os reservatórios dessa infecção são os grupos que replicam esses discursos, atuando como portadores assintomáticos. O próprio Weintraub funciona como vetor, como se observa em: “Estou pedindo para que se coma esses três chocalatinhos e meio depois [...] isso é segurar um pouco [...] e agora ficam espalhando que a gente fica fechando tudo e Balbúrdia”. A transmissão ocorre tanto por contato direto, em falas públicas, quanto indireto, por redes sociais. De acordo com a metáfora etiológica discutida por Macêdo Júnior (2024), esses discursos

infiltram-se no ambiente educacional, produzindo danos estruturais e funcionais que exigem a neutralização dos vetores e a promoção de um ambiente discursivo baseado em evidências. A análise evidencia que Weintraub constrói novos *ethé* e um *ethos* que favorece uma visão depreciativa e deslegitimadora da educação pública, estigmatizando estudantes, professores e universidades. Sua retórica polarizadora desestimula o debate democrático, desloca a atenção dos problemas reais e opera como *modus operandi* que contempla — e perpetua — o fracasso escolar, sobretudo ao dificultar acesso, permanência e investimentos no ensino superior público.

As questões centrais do estudo — como esses discursos perpetuam o fracasso escolar e de que modo funcionam como *ethos* infeccioso — encontram suporte em Foucault (*A Arqueologia do Saber*, 2005; *A Ordem do Discurso*, 1996). Para Foucault, compreender o discurso exige perguntar “quem fala?”, “quem [...] tem boas razões para ter esta espécie de linguagem?” e “qual é o *status* dos indivíduos que têm – e apenas eles – o direito [...] de proferir semelhante discurso?” (Foucault, 2005, p. 56). Como ministro, Weintraub ocupa o locus de enunciação autorizado, tornando-se o “sujeito que questiona, [...] que observa, [...] que fica situado a uma distância perceptiva ótica” (Foucault, 2005, p. 58), o que lhe confere poder de transformar enunciados ideológicos em discursos dotados de veridicção.

Foucault (1996, p. 8-9) demonstra que o discurso é sempre “controlado, selecionado, organizado e redistribuído”, permitindo compreender porque expressões como “balbúrdia” funcionam como operações de produção de verdade ao vincular desordem a fracasso acadêmico. A interdição — “não se tem o direito de dizer tudo [...] tabu do objeto” (Foucault, 1996, p. 9) — não se aplica ao ex-ministro, já que sua posição institucional legitima sua fala. O procedimento de separação/rejeição — “o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros” (Foucault, 1996, p. 10-11) — aparece quando Weintraub contrapõe sua própria legitimidade ao “baderneiro”, desqualificando críticas. A “vontade de verdade”, que exerce “pressão e [...] poder de coerção” (Foucault, 1996, p. 17-18), sustenta seu discurso como verdade autorizada. Assim, tais enunciados participam da manutenção estrutural do fracasso escolar ao reforçar desigualdades, desqualificar saberes e comprometer políticas públicas equitativas. Novos *ethé* — de efeitos de sentido, de acarretamento ideológico e de *modus operandi* — se consolidam como engrenagens dessa governamentalidade discursiva. Somente o desmonte crítico dessa ordem discursiva permite combater suas funções de exclusão e seus impactos sobre a educação pública brasileira.

6. REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. La noción de *ethos* de la retórica al análisis del discurso. **Amossy, Ruth (dir.)**, 1999.
- AMOSSY, Ruth. O *ethos* na interseção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto, 2005.
- ARAGÃO, Verônica. **A construção do *ethos* da presidente Dilma Rousseff em charges jornalísticas**, 2013. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. 2. ed. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Biblioteca de autores clássicos. Branca Vilallonga (Departamento Editorial da INCM), 2005.
- BASÍLIO, Ana Luiza. Educação: 9 vezes em que Abraham Weintraub se mostrou inimigo da educação. **Carta Capital**, 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/9-vezes-em-que-abraham-weintraub-se-mostrou-inimigo-da-educacao/>. Acessado em: 01 jul. 2023.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 2008.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2006.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola editorial, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 14 ed. São Paulo: EDIÇÕES LOYOLA, 1996.
- GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- MACÊDO JÚNIOR, Adriano Menino. O discurso como infecção: análise do impacto o discurso negacionista de um chefe de estado durante e após a pandemia de Covid-19. **Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica, IF – Sophia**, v. 10, n. 27, 2024.
- MAINGUENEAU, Dominique. O *ethos*. In: **Análise de textos de comunicação**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Tendências da análise do discurso**. 2ª Ed. Campinas: Pontes, 1993.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.
- NEVES, David Pereira; LANE DE MELO, Alan; LINARDI, Pedro Marcos; ALMEIDA VITOR, Ricardo W. **Parasitologia humana** / David Pereira Neves. 13. ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2016.
- TORTORA, Gerard J.; FUNKE, Berdell R.; CASE, Christine L. **Microbiologia**. tradução: Aristóbolo Mendes da Silva ... [et al.]; revisão técnica: Flávio Guimarães da Fonseca. – 10. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2012.